

Module 4 Video Class 3: Interview with Annalee Newitz (Portuguese)

Olá! Bem-vindos mais uma vez aos vídeos do nosso curso "Jornalismo na Pandemia: Cobertura da COVID-19 Agora E No Futuro". Estamos no Módulo 4. Estamos no fim do curso, olhando para o que deve acontecer nos próximos anos. Neste vídeo, vamos conversar com a jornalista e escritora Annalee Newitz. Annalee, obrigada por se juntar ao nosso curso.

Sim, muito obrigada pelo convite.

Neste momento, temos mais de 9.000 alunos, e eles vêm de mais de 160 países. Eu nem tenho certeza sobre o número exato de hoje. Como eles são de tantos lugares, existe a possibilidade de que nem todos conheçam o seu trabalho. Então, você pode nos contar um pouco sobre você e sobre o que você faz?

Claro! Eu sou uma jornalista especializada em ciência. E na minha carreira, que tem cerca de duas décadas, eu cobri tecnologia e biotecnologia, bem como evolução e história antiga... eu bisbilhotei por diferentes áreas da ciência. Ganhei uma bolsa da Knight Science Journalism Fellowship, assim como você, Maryn. Recentemente, nos últimos anos, comecei a escrever ficção científica e a pensar mais sobre como posso escrever juntando especulação informada e provas concretas. E continuo a fazer reportagem para veículos como o New York Times, New Scientist, Popular Science, muitos lugares com a palavra ciência no título. E também publico romances de ficção científica, bem como livros de ciência. Então, eu tenho um pé em ambos os mundos. E o que mais gosto de fazer é pensar em como podemos prever, baseados em evidências, para onde estamos indo, para que possamos estar preparados quando acontecerem desastres ou coisas boas, e descobrir como alocar recursos para isso.

Previsões baseadas em evidências é exatamente sobre o que eu gostaria de falar, então obrigada por citar isso. A razão pela qual eu queria que você participasse da semana final do curso é precisamente porque o seu trabalho faz essa ligação entre ficção e não-ficção, observando as sociedades passadas e imaginando as sociedades futuras. Então, eu quero começar perguntando sobre um de seus livros de não-ficção, "Scatter, Adapt and Remember" (Espalhar, Adaptar e Lembrar), onde você escreveu: "Em seus 4,5 bilhões de anos de história, a vida na Terra foi quase apagada pelo menos meia dúzia de vezes. Sabemos que outro desastre global está eventualmente vindo em nossa direção." Bem, aqui estamos nós, no meio de um desastre global. É isso que você estava imaginando?

Em alguns aspectos, sim. Há uma seção do livro sobre pandemias e sobre como modelar e prever pandemias. E, definitivamente, na minha ideia sobre possíveis desastres, as pandemias estavam lá em cima, no topo. Claro, eu não sabia como seria viver em uma pandemia, nem todos os tipos de efeitos de uma pandemia. Mas, ao pesquisar para o livro, que era sobre extinção em massa, que são esses eventos enormes onde mais de 75% de todas as espécies na Terra morrem... Então são eventos bastante intensos, muito além do que o coronavírus poderia fazer. Mas uma das coisas que aprendi foi que é bastante comum ter esses desastres horríveis que eliminam uma espécie ou um monte de espécies. E algo comum ao longo da história da vida na Terra é que a recuperação, depois desses desastres, é quando as coisas realmente ficam interessantes. A vida sempre se recupera — até agora, tanto quanto sabemos.

E o resultado é, muitas vezes, novos ecossistemas, novos tipos de espécies, novas formas pelas quais as espécies se relacionam... Os humanos estão aqui e os mamíferos estão aqui por causa de todos esses desastres. Então, os desastres podem ser produtivos - algo muito estranho de se dizer agora, enquanto estamos no meio dessa pandemia de coronavírus. Mas, para mim, o que é realmente interessante de pensar sobre desastres são todos os efeitos que eles causam. Como eles mexem com nossas vidas políticas? Como eles influem no que virá a seguir para o planeta e para os humanos?

Daqui a pouco eu vou perguntar para você sobre o que vem a seguir. Mas, para podermos falar sobre a reorganização, vamos falar antes sobre o desmoronamento. Então, em "Scatter, Adapt and Remember" - e eu acho que também neste novo livro que você está lançando, "Quatro Cidades Perdidas" - você fala sobre como as sociedades desmoronam, como as civilizações

acabam... Tendo essa experiência e esse conhecimento, há algo que você vê no momento atual, com o coronavírus, que seja particularmente preocupante para você?

Sim, muitas coisas. Um dos muitos efeitos dos grandes desastres globais é que eles tendem a provocar outros desastres globais, especialmente se não nos preparamos para eles. E, infelizmente, no caso do coronavírus, especialmente nos Estados Unidos, apesar de sabermos na comunidade científica que era muito provável que acontecesse este tipo de pandemia, mais cedo ou mais tarde, não estávamos preparados a nível político. Nossos governos federais, governos estaduais e governos locais não tinham estocado materiais para lidar com essas coisas. Não tínhamos coordenação entre diferentes instituições científicas para ajudar a combater a pandemia imediatamente. E francamente, não temos a infraestrutura internacional para lidar com algo nesse nível, e isso é incrivelmente importante quando você está lidando com algo que é um desastre global, como mudança climática ou como uma pandemia. Você tem que ter uma comunicação incrivelmente boa entre as nações e confiança entre as comunidades científicas dessas nações. E nós simplesmente não temos isso agora. Um dia eu espero que nós tenhamos.

Algo que aprendi no livro “Scatter” - e depois também no livro “Quatro Cidades Perdidas”, que está para ser publicado e se foca em como civilizações humanas passam por transformações e desastres massivos - é que você realmente tem que ter cuidado com esses problemas adicionais. Agora estamos lidando com o coronavírus, estamos trabalhando nisso. Mas enquanto isso está acontecendo, estamos vendo nossa economia entrar em colapso. Estamos vendo nossas instituições políticas se tornarem mais instáveis. Estamos vendo problemas ambientais aumentarem à medida que regras ambientais são desgastadas. Estamos vendo mais problemas em torno da mudança climática, porque as regras ambientais estão sendo relaxadas durante esses tempos difíceis. E esse ponto em que vários desastres se acumulam uns sobre os outros — desastre político em cima do desastre natural, que então gera outro desastre natural — é quando as coisas ficam realmente desastrosas.

Eu estava ouvindo o California Report, que é um programa da rádio pública aqui na Califórnia, lidando com o fato de que agora estamos enfrentando a fome na Califórnia. Apesar de termos muita comida, muitas pessoas estão subnutridas e desnutridas e não conseguem comer. Novamente, temos outro exemplo das consequências. O que estamos vivendo é uma pandemia. Mas acabamos ficando com uma pandemia e fome, instabilidade política, instabilidade econômica. E, se isso começar a cansar, você pode estar frente a mudanças realmente dramáticas na sociedade. Algo como um colapso ou uma revolução. Algo que poderia ser muito mais profundo do que uma doença.

Desse menu de coisas que estão dando errado que você acabou de citar... Obrigada, eu realmente pedi que você falasse sobre isso...

Eu tenho mais se você quiser.

Sim, eu quero ouvir mais. Porque estou curiosa para saber se, dessa lista de coisas que estão dando errado que você acabou de mencionar, você tem alguma ideia do que é pior? O que será o mais difícil de gerir nos próximos dois anos?

Essa é uma boa pergunta. E, em parte, a resposta é que não podemos ter certeza. Porque não sabemos o quão difícil será conseguir uma vacina para o coronavírus da COVID-19. Mesmo que tenhamos uma vacina dentro de 18 meses, o que é puramente adivinhação... Certo? Pode levar 10 anos. Nós não sabemos. Mesmo quando tivermos a vacina, não sabemos como será distribuída. E eu acho que essa questão, de como a vacina será distribuída, é realmente para onde precisamos estar olhando, se quisermos pensar sobre como as coisas podem vir a ficar instáveis. Porque há a solução científica para este problema, e depois há a solução política e a solução econômica. E penso que a solução científica é muito mais simples do que a solução econômica e política. Então, a resposta para a pergunta sobre o que é pior... A pior parte são os nossos governos, e como os nossos governos vão agir frente a esta tarefa muito simples, que é ajudar a sua população a permanecer viva usando a ciência.

E isso é uma coisa muito simples de se fazer. Mas, quando se mistura com brigas políticas internas, oligarquias, pessoas subornando umas às outras, e todas as coisas que sabemos que

ocorrem em todos os países, é aí que vai ficar difícil. Quando as coisas se emaranham nessas questões políticas, você começa a ver efeitos como fome e problemas crescentes em torno de toxinas no meio ambiente. Porque os governos concentram todas as suas energias em dar para o irmão deles o contrato para fabricar essas vacinas. Então, não estão focando em como gerenciar nossa produção agrícola com segurança. Infelizmente, eu acho que não há cura científica para a instabilidade política, e eu gostaria que houvesse. Algumas pessoas acreditam que existe. Mas, infelizmente, é uma cura social, e essas são as mais difíceis de obter. Essa é a terapia mais difícil, a terapia social.

Então vamos falar sobre algo esperançoso.

OK. Estou pronta.

Saltando para o outro lado da equação. Algo que eu adoro nos seus livros é que, embora você escreva sobre coisas que são bastante terríveis - você escreve sobre o fim das civilizações, sobre a morte dos dinossauros, a morte do universo... - você consegue encontrar momentos de esperança. E isso é ainda mais verdadeiro, eu acho, na sua ficção. Com essa confiança na criatividade e na comunidade humana, que você expressa em seu trabalho, você vê algum motivo para ter esperança no momento presente? Você vê algo nesta enorme lista de coisas ruins, que você acabou de citar, que faz você sentir que as coisas podem ficar bem?

Sim, completamente. Acho que sempre há esperança. Acho que o momento em que paramos de tentar consertar tudo, por falta de esperança, esse é realmente o momento mais sombrio. Então, mesmo quando você está em circunstâncias incrivelmente difíceis, mas continua a fazer o trabalho que precisa ser feito, seja esse o trabalho no laboratório, seja o trabalho de ir para a rua protestar contra um governo que está distribuindo alimentos, ou medicamentos, ou poder político de forma injusta, sempre há esperança. E para mim, a unidade básica da esperança, como se pudéssemos medi-la da forma como medimos uma estrutura atômica, a unidade básica da esperança é a amizade e a confiança entre as pessoas.

E uma vez que isso existe, uma vez que você tem comunidades se unindo para, como eu disse, trabalhar em um laboratório e descobrir uma vacina ou um tratamento, ou você tem adversários políticos se tornando aliados, ou você tem um grupo político se aliando com um grupo espiritual... Sempre que isso acontece, quando as pessoas são capazes de trabalhar em conjunto, você tem o começo de algo melhor. É claro, não é sempre que isso ocorre. Há sempre exceções, e há sempre grupos de pessoas que se reúnem e fazem coisas ruins. E não quero minimizar isso. Mas, em geral, quando você está enfrentando um problema como este, que tem muitos lados, lados políticos e lados científicos, quanto mais você pode ter pessoas em coordenação, melhor.

Focando no coronavírus, e não nessa questão maior de como o clima está ferrado e como a política está bagunçada, algo que vemos historicamente entre os seres humanos é que, sempre que há um desastre maciço por uma pandemia, geralmente isso leva a mudanças sociais, particularmente mudanças sociais para os trabalhadores. Algo que tem acontecido, desde 1.000 anos atrás, ou mais, é que, quando uma pandemia varre uma comunidade, as pessoas realmente se dão conta de quem são os trabalhadores importantes dessa comunidade. E são sempre as pessoas que estão fazendo comida, que estão cultivando comida, que estão ajudando a cuidar dos doentes, que estão em posições de educar o público. Na vida cotidiana, muitas vezes esquecemos como essas pessoas são importantes para a nossa sobrevivência e para que tenhamos vidas que valem a pena ser vividas. Acho que estamos vendo isso acontecer, pelo menos aqui nos Estados Unidos. De repente, as pessoas estão tendo que reconhecer que quem colhe minha comida é realmente muito mais importante do que o cara que programou o Zoom. Ou é muito mais importante do que a pessoa que está assinando documentos neste prédio federal. E isso não quer dizer que essas pessoas não sejam maravilhosas. Mas se você está falando sobre a sobrevivência da sua espécie, essas são as pessoas que são importantes.

Por exemplo, depois da primeira onda de peste bubônica na Inglaterra, a peste do século XIV, houve uma onda de reformas operárias. E, pela primeira vez em muitos anos na história britânica, os camponeses conquistaram melhores direitos, os salários dos trabalhadores subiram. Aqui nos Estados Unidos estamos vendo o começo de algo assim. Estamos vendo trabalhadores entrando

em greve, pela primeira vez, em setores onde eles ainda não estavam organizados. Então, isso remonta ao que eu estava dizendo, sobre conexões sociais entre pessoas. Os trabalhadores estão se reunindo, se organizando e se perguntando: “O que é bom para nós? Como podemos tirar algo disso que nos proteja? Não porque não queremos fazer o trabalho, mas porque queremos fazer este trabalho e queremos uma proteção melhor. Queremos EPI (equipamentos de proteção individual). Nós queremos ter direito a licença médica remunerada e a atendimento de saúde. Coisas que são, simplesmente, humanas. Nós vimos isso ocorrer repetidamente ao longo da história. À medida que as sociedades se reorganizam após esses desastres naturais e econômicos, muitas vezes isso é uma oportunidade para grupos que foram marginalizados assumirem a frente e dizerem: “Somos importantes”. E serem ouvidos. Então, isso me deixa muito esperançosa.

A outra coisa que me deixa muito esperançosa é que, depois do coronavírus - e muitas pessoas que trabalham com mudança climática já disseram isso - agora temos uma metáfora que as pessoas podem entender visceralmente. Uma metáfora sobre como prevenir um problema de longo prazo, como a mudança climática ou uma pandemia, como impedir que isso piore. E toda a ideia de "achatar a curva", de simplesmente não fazer certas coisas a fim de tornar o mundo melhor para todos nós. Agora podemos começar a falar sobre como isso é relevante para o clima, porque as mesmas regras se aplicam. Para combater essa doença, estamos, individualmente, tomando pequenas atitudes todos os dias, estamos tomando medidas nos governos locais e federais. Da mesma forma que precisamos fazer com as mudanças climáticas, e da mesma forma que precisamos fazer com as emissões de carbono, o despejo de produtos tóxicos, o escoamento agrícola, e o uso de antibióticos nos alimentos.

Todos esses são problemas globais complexos, e eu acho que agora as pessoas estão prontas para começar a pensar dessa maneira. É muito difícil fazer seu cérebro entender: “OK, o que estou fazendo agora afeta todos ao redor do mundo, e potencialmente afeta a todos por 10 ou 20 anos.” Isso é difícil. Mas acho que agora estamos começando a entender. Estamos vendo como pequenas coisas que fazemos em nossa vida cotidiana podem realmente ser parte de um grande esforço global, então isso também me dá esperança. Acho que, quando sairmos deste período de quarentena e pandemia, teremos novos grupos de pessoas na mesa de decisão. Novos grupos de trabalhadores, novos grupos de pessoas que lutam pela justiça climática, finalmente conseguindo transformar suas ideias em políticas. Então, esse é um resultado esperançoso.

Obrigada, obrigada por ter esperança. Então, vamos juntar essas duas coisas. Todas as coisas negativas, mais todas as razões para ter esperança. Na sua imaginação de escritora, qual é o seu melhor palpite sobre como serão os próximos dois anos? O que pode acontecer em um ano, dois anos, cinco anos?

Há muitas formas interessantes de responder a essa pergunta. Em parte, já falei um pouco sobre isso. Acho que os trabalhadores vão se organizar mais. Acho que haverá mais consciência sobre a pobreza e os terríveis coeficientes gini em vários lugares. E, ao mesmo tempo, ao lado das grandes transformações, acho que veremos muitas mudanças na forma como as pessoas estão interagindo online. Como eu disse, eu fui jornalista de tecnologia. E eu tenho pensado muito sobre como nós estamos usando a tecnologia nesse momento, e como isso vai afetar a política e a educação. O fato de estarmos sentadas aqui, neste curso online e massivo... Cursos online e massivos existem há um bom tempo e têm sido realmente úteis. Agora, eu acho que eles vão se tornar o padrão. Uma coisa ótima sobre os cursos onlines e massivos, e sobre este curso em particular, é que eles são muito internacionais, reúnem estudantes que normalmente não estariam interagindo uns com os outros. É claro que é difícil interagir com outras 6.000 pessoas em um curso online e massivo. Mas o fato é que isso gera um pequeno sentimento de comunidade.

Este é um grupo de pessoas de todo o mundo, falando muitas línguas diferentes que estão ouvindo as mesmas ideias, e que vão sair dessa aula com novos pensamentos sobre como fazer reportagens, como escrever e como interagir com suas comunidades. E eu não posso subestimar o quão radical e transformador isso é. Eu acho que isso é algo que pode se espalhar para a forma de fazer política. Acho que, obviamente, vai haver muito mais ênfase no engajamento político online a partir de agora. Nos Estados Unidos, já podemos ouvir a Suprema Corte deliberando por telefone, algo a que as pessoas simplesmente não tinham acesso antes. Em um ponto da minha carreira, eu estava muito interessada em um caso da Suprema Corte, que tinha a

ver com compartilhamento de arquivos. Eu dormi do lado de fora da Suprema Corte a noite toda, esperando na fila para entrar e ouvir os argumentos. Foi muito emocionante, mas eu não gostaria de ter que fazer isso agora. É muito mais fácil fazer isso quando se tem 20 anos. Mas isso significa que as pessoas que não têm a possibilidade de ir dormir do lado de fora da Suprema Corte agora podem ouvir como estão discutindo sobre questões muito importantes.

Por outro lado, acho que vamos ver uma mudança na forma como as pessoas interagem no mundo real, também. Acho que é muito óbvio que haverá mudanças nas normas sociais sobre como as pessoas se sentam juntas, como se movimentam em países como os Estados Unidos, onde somos péssimos em usar máscaras... Aqui, não há uma cultura de usar máscaras do jeito que há no Japão, na China e em muitos outros países onde isso é normal, como se as pessoas usassem máscaras o tempo todo. Sabe, vai mudar a forma como as pessoas se olham. E uma das coisas... Aqui há... um interessante efeito indireto. Nos Estados Unidos e em muitos países europeus, existem leis que proíbem as pessoas de cobrirem seus rostos em público, com o objetivo alegado de desencorajar o crime. Mas, como muitos grupos têm apontado, essas leis se destinam a criminalizar quem é muçulmano e mulheres que querem usar um hijab ou cobrir seus rostos. Uma vez que tivermos normalizado a ideia de que as pessoas precisam usar máscaras, acho que essas leis não vão mais funcionar. Estranhamente, isso poderia nos dar algumas liberdades políticas que nós não tínhamos antes. Liberdade de expressão. Liberdade de vestir o que você quiser vestir e não ser criminalizado por isso. E isso me deixa muito feliz. Sinto que esse é um grande resultado. Bem, que pena que suas leis racistas não vão mais funcionar agora que você quer que as pessoas vivam. Então, essas são as coisas em que eu gosto de pensar. Os efeitos estranhos que a saúde pública vai gerar em outras partes de nossas vidas. E, potencialmente, torná-las melhores.

Há, obviamente, muitas maneiras pelas quais as coisas podem ser piores. Eu acho que uma outra coisa que vamos ver no futuro é uma ênfase ainda maior em como vamos alocar recursos na saúde. E isso é especialmente importante em países como os Estados Unidos, onde... como devo dizer isso? Nós não temos um sistema nacional de saúde. Temos algo que poderia vir a ser um sistema nacional de saúde. Então, eu acho que haverá muito mais interesse público em como vamos tornar os cuidados de saúde mais amplamente disponíveis. Eu acho que isso [a pandemia] torna tão visceralmente óbvio que as pessoas vão morrer. E, finalmente, mais algumas coisas pequenas, acho que haverá muito mais interesse em automação, como entrar em um lugar sem precisar tocar na porta, ou dar descarga sem tocar na privada, e coisas desse tipo. E tudo isso parece ótimo. Sabe, a ideia de que a tecnologia pode nos ajudar a ter aulas, pode nos ajudar a viver sem ter que tocar superfícies que possam estar contaminadas...

Mas eu terminaria essa especulação dizendo que tudo isso vai chamar a atenção para a incrível divisão entre quem tem e quem não tem. Porque haverá as pessoas que podem se dar ao luxo de ter um computador que lhes permita fazer um curso online, que podem se dar ao luxo de trabalhar ou viver em um prédio com automação, que podem até ter empregos. E haverá a grande maioria das pessoas que não têm acesso a cuidados de saúde, que estão trabalhando em empregos perigosos e não estão sendo compensadas por isso. Então, tudo isso nos traz de volta à questão de como vamos lidar com os trabalhadores essenciais que foram maltratados e marginalizados. Então, eu realmente acho que os próximos três a cinco anos serão cheios de questões sobre direitos dos trabalhadores, cuidados de saúde, e muitas aulas online.

Incluindo esta.

Sim!

Acho que falo em nome de todos nós quando digo obrigada por chamar este curso online e massivo de radical e transformador.

É a forma como eu vejo!

Bem, muito obrigada. Foram ideias realmente fantásticas. Obrigada por se juntar à nossa turma.

Sim, obrigada pelo convite. Boa sorte.